

MORADORES DE RUA E AS JUSTIFICATIVAS DE PERMANÊNCIA: UMA ANÁLISE DE ASPECTOS PSICOSSOCIAIS

STREET RESIDENTS AND STAY OF REASONS: AN ANALYSIS OF PSYCHOSOCIAL ASPECTS

WÉRICA NUNES PINHEIRO^{1*}, CARLA FERNANDA BARBOSA MONTEIRO²

1. Discente do curso de Psicologia da Faculdade Ingá; 2. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente do curso de Psicologia da Faculdade Ingá.

* Rua Antenor Tenente n°22. Jardim Bela Vista. Iguaraçu, Paraná, Brasil. CEP: 86750-000. wericanunes@gmail.com

Recebido em 08/09/2015. Aceito para publicação em 14/12/2015

RESUMO

O presente artigo é fruto de trabalho de conclusão de curso, que visou compreender e discutir justificativas de permanência apresentada por moradores de rua, mediante análise de artigos acadêmicos que versam sobre o tema. Buscou-se elucidar a problemática: de que forma a justificativa de permanência dos moradores de rua relaciona-se com os aspectos psicossociais, ensejando ampliar os conhecimentos referentes a esta expressiva parcela da população. Para tanto foram coletados dados bibliográficos em livros e artigos científicos selecionados em meio impresso e eletrônico. De acordo com dados do Censo Nacional por amostragem estima-se que no Brasil haja cerca de 44.875 pessoas em situação de rua. Apurou-se ainda que ocorre uma estigmatização dos moradores de rua como sujeito, com má aparência, faminto, “anormais”, desajustados sociais, loucos, “coitadinhos”, violentos, perigosos ou vagabundos. Quanto às justificativas de permanências nas ruas, as mais frequentes foram a falta de abrigo familiar, vergonha e medo da família, identidade e identificação, sensação de utilidade, sensação de liberdade e certa satisfação com a situação. Como resultado da análise dos aspectos psicossociais que envolvem a situação de morar na rua presente em textos científicos e depoimentos citados por autores, percebe-se que, moradores de rua apresentam inúmeras justificativas para permanecerem nas ruas. E que as representações vinculadas a esta população, são por vezes equivocadas. Em muitos depoimentos não há a representação da autoimagem condizente com as ideias de vítima, perigoso, sujeito, ladrão. Mas há identificação como classe socialmente invisível. Assim, ao atuar junto às pessoas em situação de rua a psicologia deve buscar escutar suas vivências, conflitos e os seus motivos, levando em conta suas justificativas e o contexto psicossocial envolvido para promover melhoria da saúde mental e inclusão social a esta população.

PALAVRAS-CHAVE: Moradores de rua, exclusão social, aspectos psicossociais.

ABSTRACT

This article is result of completion course work, which aimed to understand and discuss the justifications to continue living in the street homeless people presented, through analysis of academic articles that dealt with the topic. It tried to clarify the issue: how the justification of stay of homeless relates to the psychosocial

aspects, allowing for increase knowledge regarding this significant portion of the population. Therefore, collected bibliographic information in books and selected scientific articles printed and electronic media. According data of the Censo Nacional by sampling estimated in Brazil there are about 44,875 people living on the streets. It was also found that roughly speaking there is a stigmatization of the homeless as dirty, bad appearance, hungry, abnormal, social misfits, crazy, poor, violent, dangerous or lazybones. The justification to continue living on the streets, the points raised were the lack of family shelter, shame and fear of family, identity and identification, sense of usefulness, sense of freedom and some satisfaction with the situation. Because of analysis of the psychosocial aspects involved in the homeless situation in scientific texts and statements cited by the authors, it is clear that homeless people presents many justification to permanence living the streets. In addition, the representations linked to this population are sometimes wrong. In many statements, there is no representation of the self-image consistent with the idea of victims, dangerous, dirty or thief. However, there is identification as socially invisible class. Thus, to the psychology attend people in the homeless situation, should seek to hear their experiences, conflicts and their reasons, taking into account their justifications and comprehend the psychosocial context involved to promote improved mental health and social inclusion for this population.

KEYWORDS: Homeless people, social exclusion, psychosocial aspects.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Censo Nacional por amostragem, publicado em 2009 e realizado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, estima-se que no Brasil haja cerca de 44.875 pessoas em situação de rua, das quais 11,9% seriam andarilhos¹. Os números são altos e de modo geral, as políticas públicas que atendem a população de rua consideram a maneira como a identidade do morador se relaciona com seu modo de vida. Assim sendo este trabalho objetivou principalmente analisar os moradores de rua e suas justificativas de permanência nas ruas, buscando elucidar a problemática de que forma a justificativa de permanência dos moradores de rua relacionam-se com os aspectos psicossociais, en-

sejando ampliar os conhecimentos referentes a esta expressiva parcela da população.

O interesse em estudar esse tema surgiu na Graduação de Psicologia, pautada na crença de que devemos aprimorar cada vez o embasamento teórico, a fim de contribuir na prática profissional quer seja na área de Psicologia Social ou outra. E este tipo de estudo contribui para o melhor entendimento das condições de moradores em situação de rua, quais as principais justificativas para sua permanência nas ruas, analisando os aspectos psicossociais.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Em relação ao aspecto de materiais e métodos utilizados este trabalho foi realizado através de pesquisa bibliográfica em material impresso e no meio eletrônico. O que conforme postulado por Marconi & Lakatos (2008)² constitui levantamento de algumas bibliografias permitindo ao pesquisador entrar em contato com o assunto pesquisado e analisar informações já publicadas sobre o tema. Assim primeiramente foi feita revisão de materiais existentes sobre o conceito e concepção e motivo de morador de rua estar nessa situação, bem como qual a justificativa para permanência nas ruas conforme autores e ainda por meio de citação de depoimentos.

Esta obra, portanto, pode proporcionar uma análise do tema moradores de rua e suas justificativas de permanência nessa situação, no intento de propiciar uma análise dos aspectos psicossociais, tornando o tema mais explícito ou, ainda, possibilitando construir novas hipóteses sobre o assunto.

3. DESENVOLVIMENTO

Caracterização da população de rua

Conforme Decreto nº 7.053¹ divulgado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), a população em situação de rua se caracteriza por ser um grupo populacional heterogêneo que têm em comum a condição de pobreza absoluta, vínculos interrompidos ou fragilizados, falta de habitação convencional regular, sendo compelido a usar logradouros públicos e áreas degradadas ou ainda unidades de serviço de acolhimento como espaço de moradia e sustento, por caráter temporário ou de forma permanente. Ainda segundo pesquisa divulgada pelo (MDS) e realizada entre os anos de 2007 e 2008 71 cidades brasileiras com população superior a 300 mil habitantes (exceto São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre) e os resultados demonstraram nas cidades pesquisadas 31.922 pessoas utilizavam as ruas como forma de moradia, portanto os números são bem maiores, visto que as cidades menores não foram contabilizadas e nem grandes cidades como São Paulo.

Outra definição de pessoas em situação de rua de

acordo com Costa (2005)³, é que possuem características parecidas como, por exemplo, vestimentas sujas e sapatos surrados, carregando consigo poucos pertences que caracterizam sua individualidade. Vieira (1994)⁴ identifica três situações em relação à permanência na rua. A saber: 1) As pessoas que ficam na rua (ou seja, em situação circunstancial); 2) As pessoas que estão na rua (e já não a consideram tão ameaçadora estabelecem relações com as pessoas que vivem na rua); e 3) As pessoas que são da rua (há um bom tempo na rua em processo de debilitação física e/ou mental).

As representações vinculadas aos moradores de rua

Pela interpretação de Mendes & Machado (2004)⁵ a concepção de morador de rua normalmente leva à rotulação e sensação que se situa entre piedade e temor. Ou ele é considerado vítima ou ameaça. Na primeira é de pobre coitado, injustiçado, digno de pena, sofrido que precisa de misericórdia alheia, na segunda constitui ameaça potencial, violento, e, portanto, digno de ser temido. Como por exemplo, no caso em que moradores de rua abordam motoristas parados no trânsito e há um misto de indiferença, medo e constrangimento por parte do condutor do veículo. Mattos & Ferreira (2004)⁶ aludem ao fato de que as pessoas em situação de rua costumemente são rotulados como: loucos, sujos, perigosos, coitadinhos, violentos ou vagabundos e são taxadas de doentes mentais, de anormais, de desajustados sociais, pautado em uma visão dicotômica de Normal *versus* anormal. Pois como colocam Mattos & Ferreira (2004, p.49)⁶ “se morar em uma residência fixa, trabalhar formalmente e constituir família são padrões sociais que caracterizam os indivíduos normais, logo sem residência fixa, sem família e trabalho formal, as pessoas em situação de rua são alvos das investidas ideológicas que acentuam suas “anormalidades”.

O morador também pode ser considerado sujo, maltrapilho, de aparência sórdida. Numa visão que o associa à sujeira e ao contágio de doenças, subverte e afronta hábitos de higiene e preservação da saúde. Tal panorama pode levar a piedade assistencialista, a pedidos de remoção e em casos extremos a ataques violentos na tentativa de expurgação social.

Outra representação comum é o fruto de um discurso criminológico, os habitantes da rua são por vezes vistos como perigosos, sofrendo estigma de criminoso em potencial, socialmente ameaçador, resultante da vinculação da pobreza com a violência. Mattos & Ferreira (2004)⁶, alude ao depoimento de Jorge, um ex-morador de rua que declarou que as pessoas tinham medo de se aproximar dele, medo de agressão, de pegar doença, de que pudessem matar. Mattos & Ferreira, (2004, p. 48, 49)⁶ afirmam que “muitos atravessam a rua com receio de serem abordados por pedido de esmola, ou mesmo por

pré-conceberem que são pessoas sujas e malcheirosas". Assim exemplificam:

O esteriótipo do nômade urbano é clássico: roupa esfarrapada, pele encardida com dermatoses, às vezes abrindo m feridas, corpo marcados pelas cicatrizes; unhas das mãos e dos pés enegrecidas, compridas e por vezes deformadas; dentes em parte caídos, em parte cariados; cabelos ensebados, olhos congestionados, etc. (MATTOS & FERREIRA, 2004, p. 48,49)⁶

E que existem ainda pessoas que delas sentem pena e as olham com comoção ou piedade. Tida por alguns como dignas de piedade, alguém inferior e merecedor de pena, pode torna-se alvo de ações meramente assistencialistas e paliativas, o que tende a manter o problema.

A última representação também discutida por estes autores é a de que os moradores de rua seriam vistos como vagabundos. Em uma sociedade alicerçada na livre concorrência, no ganho, no lucro financeiro, o trabalho assume status de importância não só enquanto fonte de sustento e renda, bem como promoção da pessoa. Inclusive se estabelece como termômetro de sucesso. Consoante essa percepção a ausência de trabalho formal compõe um cenário que desprestigia e mais ainda desclassifica o sujeito. Comumente as pessoas moradoras de rua são olhadas de soslaio, com uma expressão de constrangimento, ou hostilidade, e julgadas como perigosas ou vagabundas e que ali estão por não quererem trabalhar, ou são negligenciadas ou até em atitude mais violenta. Alguns chegam a xingá-las e até mesmo agredi-las.

Motivos para estar na rua

Justo *et al.* (2005)⁷ tratam das dificuldades enfrentadas diariamente por essas pessoas como esforço pela sobrevivência, labuta frequentemente individual e solitária, certo isolamento e rarefação de relações intrapessoais fixas e duradouras, despojamento do trabalho moradia e família. Os motivos que levaram a essa condição são vários e não obstante os moradores de rua ser fato antigo em nossa sociedade percebe-se o agravamento do número de casos, especialmente nos grandes centros urbanos.

Segundo Well (2008)⁸, o morador de rua (pessoa em situação de rua ou mendigo), em termos históricos está inserido no contexto da pobreza e dois momentos históricos que marcaram essa condição no passado foram o período medieval e o período da revolução industrial. Ainda segundo este autor havia diferença entre o pobre que ele caracteriza como rua "o pobre verdadeiro" que era aquele que naquela época permanecia membro de um grupo. Moradores vivendo com os escassos recursos do seu trabalho e o morador de rua que seria em errante, mendigo, desclassificado e seria um rebelde.

Atualmente muitos são os motivos que levam alguém a viver nas ruas, Peres & Justo (2005)⁹ refere alguns como: pobreza ou miséria, migrações regionais para os

grandes centros urbanos ou êxodo rural em busca de emprego que não encontram; baixa escolaridade, desqualificação da mão de obra, ou desemprego prolongado; uso de bebidas alcoólicas e/o drogas; morte dos pais, abandono na infância, conflitos familiares ou desentendimento entre o casal entre outros. Em muitos casos o uso de bebidas alcoólicas é justificado como algo que ajudaria a suportar a dura condição. Ainda segundo Peres & Justo (2005)⁹ atualmente vive-se em tempos de constante transformação e expansão do tempo e do espaço e de mobilidade geográfica e social. A virtualização da realidade, a incerteza, a flexibilidade, a instabilidade do emprego pode ocasionar movimentação, necessidade de adaptação ao meio e às circunstâncias. Isto pode acarretar distanciamento dos referenciais, desesperança a falta de seguridade social, caráter transitório e efêmero das relações, e ainda desalojamento dos nichos sociais. O complexo conjunto de fatores que modelam o mundo contemporâneo tais como a globalização, a aceleração do tempo, a substituição dos espaços fechados pelos espaços abertos, desemprego, pobreza pode levar o sujeito a experimentar uma condição de desenraizamento, colaborando assim para o processo de abandono da casa enquanto moradia fixa e levando tantos fazerem da rua sua morada.

O mesmo autor, ao tratar dos andarilhos lembra que muitas pessoas vão de um lugar para o outro em busca de trabalho e por vezes, existem as situações de extrema necessidade, de modo que o sujeito vive buscando ajuda em instituições pelas cidades por onde passa. Já segundo Costa (2005)³ é possível encontrar nas ruas pessoas que vem a grandes cidades em busca de emprego, porém as portas se fecham e sua única alternativa passa a ser viver nas ruas. Mesmo aqueles que possuem algum tipo de trabalho, mas cuja remuneração não é o suficiente para seu sustento, por vezes acaba indo viver nas ruas. Há moradores de rua que para se ter seu pequeno sustento torna-se catador de resíduos. Geralmente essa população sobrevive em uma perspectiva diária, sem a menor condição de planejamento a médio ou longo prazo, como acontece no caso dos trabalhadores formais.

Pessoas que vivem em situação de extrema instabilidade, na grande maioria de homens sós, sem lugar fixo de moradia, sem contato permanente com a família e sem trabalho regular, são de mandatários de serviços básicos de higiene e abrigo, em que a falta de convivência com o grupo familiar e a precariedade de outras referências de apoio efetivo e social fazem com que esses indivíduos se encontrem, de certa maneira, impedidos de estabelecer projetos de vida, e até de resgatar uma imagem de si mesmo (VIEIRA, 1994, p. 26)⁴.

Para Nascimento *et al.* (2009)¹⁰ o morador de rua encontra-se justamente situado na contramão da ideologia do ter, sendo ele um sujeito caracterizado geralmente como um não possuidor de bens. Situando-se à margem da sociedade devido a sua pobreza extrema, a sua apa-

rente miséria absoluta. Assim, como efeito das relações dos seres sociais no ambiente, a desfiliação, o aparente desapareço causa estranheza. Desse modo, os moradores de rua vivem uma espécie de inversão dos padrões de ideal dentro do espaço social e acontece o processo de exclusão. Tal processo classifica as pessoas moradoras de rua como subcategoria, o que permite que as desigualdades sejam banalizadas chegando à prática de sua remoção como tentativa de promover certa higienização social. Às vezes mendigos migrantes de outras localidades são retirados da rua a pedido de moradores e comerciantes outras vezes por procedimentos políticos que visam evitar o contato com eles, encaminhando-os para outro local. Gerando a falsa sensação de homogeneidade social, a fim de manter o equilíbrio da ordem social. Como bem colocam os autores:

Nesse sentido, até mesmo os mendigos, que se caracterizam por sua permanência fixa nas ruas das cidades, estão sendo retirados de circulação por algumas instituições assistencialistas e colocados e marcha para outras localidades. (NASCIMENTO, JUSTO E FRANÇA, 2009, p. 647)¹⁰

São pelo entendimento de Mendes & Machado (2004)⁵ produto de um sintoma socioeconômico de uma pós-modernidade hiper excludente. Nossa sociedade admite a realidade dos moradores de rua pelo fato de vivermos desigualdades sociais, consequentes do modelo neoliberal econômico e social. Mattos & Ferreira (2004)⁵ pontuam que o neoliberalismo permite uma legitimação ideológica quando apregoa igualdade de oportunidades e que promove certa ideologia da culpabilização em que a pessoa em situação de rua está nessa condição porque não estudou, não soube abraçar a oportunidade de emprego ou não pensou no futuro. Assim, além das dificuldades comuns dos que habitam os logradouros públicos esses sujeitos ainda enfrentam preconceito não sendo visto como iguais, são comumente tratados com indiferença, como coitado ou perigoso.

Práticas Discursivas de Justificativas de Permanência

De acordo com Mendes & Machado (2004)⁵, em acompanhamentos realizados por uma pesquisa com moradores de rua e em instituições públicas, foi possível levantar histórias que apontam algumas justificativas de permanência nas ruas. Esse autor afirma que os moradores de rua criam estratégias para ter alguma privacidade, como, por exemplo, procurando ocupar viadutos ou construções abandonadas. Quando questionados, alguns se esquivam ou mentem a psicólogos, educadores sociais, filantropos, pesquisadores ou policiais.

Frente às referidas questões, seguem algumas dessas práticas discursivas de moradores de rua sobre a justificativa de sua permanência:

Falta de Abrigo Familiar

Observe-se a seguir o depoimento de um jovem morador de rua apresentado por Mendes e Machado (2004)⁵, em seu artigo tendo o objetivo de discutir as formas convencionais de intervenção institucional direcionadas aos moradores de rua:

L. é um jovem adulto, criado desde os cinco anos de idade na FEBEM. A mãe saiu de casa, desapareceu, e o pai alcoólatra, não conseguiu cuidar dos quatro filhos. Cada filho teve um destino diferente. Aos 21 anos L. não tinha onde morar passou a dormir nas ruas, e já havia estabelecido um vínculo com o entorno do bairro. Uma vizinha buscou atendimento para o jovem nos serviços junto à prefeitura da cidade (MENDES & MACHADO, 2004, p 5,)⁵.

Segundo Mendes & Machado (2004)⁵, L. já havia sofrido muito com a perda ausência dos familiares, o que sugere, segundo o autor, que esse jovem possivelmente possa ser uma figura de uma vítima, de um sofrimento que necessita de misericórdia do outro. A figura dessa vizinha que o encaminhou para uma assistência se apresenta sendo seu refúgio. Sua justificativa de permanência nas ruas nesse caso é o fato de não ter para onde ir, não ter ninguém para abrigá-lo e cuidá-lo, e precisar da ajuda de desconhecidos.

Vergonha e Medo da Família

A ausência da família é um dos grandes fatores para que indivíduo queira permanecer nas ruas, uma briga, discussões, maus tratos e grandes magoas, podem fazer com que esse morador de rua não queira procurar sua família, fazendo com que continue a viver nas ruas.

Para Peres & Justo (2005)⁹, uma frustração, como por exemplo, uma vivência intensa de sofrimentos e abandono na família, desavenças no relacionamento, fazem o sujeito se aproximar do alcoolismo, é uma maneira de “sair fora do ar”, sair de sua realidade, podendo por alguns minutos esquecer-se de seu passado, e passar a viver nas ruas. Em consenso com esse autor Snow (1989, p. 81)¹¹ cita que “O uso de álcool e drogas é considerado há muito tempo como uma das dimensões culturais que compõem o estilo de vida de quem vive na rua”.

Sensação de Utilidade

Conforme Costa (2005)³, em nossa sociedade o trabalho confere identidade às pessoas. Nessa perspectiva, dizer que se tem uma profissão pode ser uma manifestação de resistência à condição de inutilidade ou de negativa em relação aos preconceitos a que os moradores de rua estão sujeitos. Matos & Ferreira (2004)⁶ demonstram que muitos moradores de rua, mesmo aqueles que não exercem sua profissão há muito tempo se recusam a serem identificados como vagabundos que não querem trabalhar e às vezes os moradores de rua catadores de material reciclável repassam esse título aos outros mo-

radadores de rua. O mesmo autor cita o depoimento de moradores de rua encontrados na fila de um albergue. Eles afirmam que não mantinham boa aparência por não ter como se cuidar e que não estavam lá por falta de capacidade. Vários declaravam se sentirem injustiçados por serem julgados como vagabundos.

Identidade e Identificação

Segundo apresenta Ciampa (2002)¹² a identidade pode ser a própria representação, um processo em que a identidade passa a ser compreendida como próprio processo de identificação.

De acordo com Justo *et al.* (2005)⁷, viver em movimento, estar em cada momento em um lugar possibilita perder a noção da realidade de quem é, e de poder deixar para trás o passado de sua identidade. Também o conceito de identidade está ligado à noção de permanência e ao tempo. O sujeito se reconhece como pertencente à população de rua.

Para Nascimento *et al.* (2009)¹⁰ o sistema de categorização social atual resulta de práticas normativas historicamente construídas. A noção de bem-estar, de qualidade de vida normalmente pauta-se em certa medida em obter sucesso sobrepondo à concorrência. A concepção de sujeito tão mais admirável quanto mais poder social exerce, decorre de uma organização narcisista, que prima pela visibilidade.

Nesse contexto a busca por aprovação decorrente do sucesso conferido pela aparência é muito grande, haja vista que nesse âmbito a aparência tem mais valia que atributos éticos e morais. Contudo, Mendes & Machado (2004)⁵ ponderam que a exclusão da social não é uma ausência de relações sociais. Costa (2005)³ afirma que na rua há muitos que interagem, formam grupos, se ajudam e se defendem, procurando dormir mocôs, debaixo de pontes, em praças, rodoviárias, ou estações de trem tentando se abrigarem lugares que julgam mais confortáveis e seguros e dormem geralmente em grupos deixando um sempre em vigia para evitar violências.

Alguns dos que passaram por conflitos familiares fortes preferem não retornar e tentar esquecer a situação que os levou à rua e construir uma nova identidade e novas relações. Sua justificativa consiste então no fato de deixarem para trás um passado doloroso e/ou em se sentirem identificados com as demais pessoas que estão nas mesmas condições.

[...] Tal fato repercute em diversos aspectos de sua vida: sentimento de vergonha e humilhação que o faz se afastar do contato com familiares; tendência ao isolamento ou formação de grupos que lhe confirmam uma identidade estável. (MATOS e FERREIRA, 2004, p.51)⁵

Assim esta justificativa de permanência nas ruas aponta para algo além do conformismo com a situação, pois ocorre uma identificação mais profunda com aqueles

em semelhante condição, há uma apropriação da identidade de pessoa como morador de rua.

Sensação de Liberdade

O conceito de liberdade está comumente associado ao descumprimento de deveres, a um não dever satisfação a outrem, ao desvinculamento de rédeas e às tomadas de decisões que bem lhe parecem, à quebra de padrões, à experimentação do novo. Para Mendes & Machado (2004)⁵ o ideal de homem inspirado na revolução francesa e os princípios iluministas carregam intrínseco o ideal de ruptura com a obrigatoriedade do cumprimento de deveres, uma vez que propõem que todos nasçam livres, iguais, e não há motivos para alguns se subordinarem ao privilégio de outros. Entre os moradores de rua isto pode se manifestar na forma de encarar a vida na rua como uma espécie de aventura, pois como colocam Justo *et al.* (2005)⁷ cada refeição, banho, pernoite podem ocorrer em lugares diferentes que lhe conferem certo grau de novidade tornando-se ato inovador e de descobertas.

A justificativa de permanência nas ruas seria a sensação de liberdade por não estarem sob subordinados a horários, padrões e à ideia de aventura que viver na rua confere.

Satisfação com a Situação

A forma que muitos moradores vivem: com escassez de alimento, dificuldade de higiene, em condições insalubres, ao relento ou em abrigos improvisados embaixo de pontes e viadutos, por vezes perto de esgotos, nos faz indagar se existe uma qualidade de vida nessas condições. Contudo, alguns estudos científicos citam que alguns moradores de rua declaram que estão satisfeitos com vida que tem já e outros ainda relatam ter saúde, tendo o pouco que tem.

Para alguns moradores de rua viver nas ruas é bom, tornando-se possível ter saúde e qualidade de vida, dizendo que existem casos de pessoas que não bebem, não fumam, que não dormem perto de esgoto ou no capim, aqueles que foram sempre com papelão ou aqueles que regularmente procuram albergues. E que se sentem felizes com a vida que levam (ROSA, SECCO e BRÊTAS. 2006 p.336)¹³.

Justo *et al.* (2005)⁷ citam exemplo de uma pessoa em condição de rua que entrevistada declarou-se contente satisfeito com a vida que levava, não passava fome, recebia auxílio de outros, não se queixou, nem mostrou preocupações futuras. O mesmo autor ainda cita que outro morador alegou se sentir importante quando sua situação lhe conferia que recebesse atenção por parte de jornalistas, assistentes sociais e curiosos que querem conhecê-lo. Mângia *et al.* (2002)¹⁴, revelam o fato de que para muitos moradores de rua falar de sua história lhes confere identidade, sentido e que outros demons-

tram que a noção de serem cuidados lhes confere sentido para suas vidas.

4. CONCLUSÃO

Percebe-se que há uma tendência de olhar para a população de rua com ar preconceituoso e estigmatizador. Como bem lembrado por Mattos & Ferreira (2004, p.48)⁵ “Observa-se assim a existência de representações sociais pejorativas, em relação à população em situação de rua, que se materializam nas relações sociais”. E em uma sociedade competitiva recai sobre o sujeito que não se enquadra nos padrões produtivos o rótulo de anormal e a culpa de seu próprio infortúnio.

Os motivos de se ir morar na rua são vários como: pobreza ou miséria, a perda de vínculos familiares pela morte dos pais, abandono na infância, conflitos familiares ou desentendimento entre o casal; desemprego ou migrações regionais para os grandes centros urbanos ou êxodo rural em busca de emprego que não encontram; baixa escolaridade e/ou desqualificação da mão de obra; alcoolismo, drogas e/ou doença mental, o que por sua vez pode levar a perda da moradia, da família e por consequência certo isolamento, perda da autoestima entre outros fatores.

Estudar os moradores de rua e suas justificativas de permanências de estar nas ruas vai além de características físicas ou exteriores. Requer uma análise no âmbito da saúde mental, socialização psicossocial. Trata-se de levar em consideração a sua realidade, sentimentos, medos e receios. Possibilitando querer ajudar não por piedade e sim por humanidade. Isso implica que ao tratar esse sujeito como alvo de políticas públicas ou de qualquer outra ação é necessário entender se e como essa pessoa quer ou precisa ser ajudada.

Assim conclui-se que ao fazer uma análise das questões psicossociais que envolvem esse tema, a psicologia deve buscar entender e escutar suas vivências, conflitos e os seus motivos de estar nas ruas. Para desta forma, contribuir na promoção da saúde mental e inclusão social desta população, oferecendo apoio escuta, atenção, um olhar genuíno e respeito. Portanto, o profissional da área da psicologia, em conjunto com os demais profissionais da área da saúde, com os representantes governamentais, os familiares dos moradores de rua e cidadãos em geral, devem contribuir para o desenvolvimento de estratégias, a fim de aproximar esses indivíduos, realizando intervenções que priorizem sua socialização tanto em atendimento individual quanto em grupos.

REFERÊNCIAS

- [1] Brasil - Ministério do Desenvolvimento, Social e Combate à Fome- População em Situação de Rua, 2009 Disponível em: <http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/assisten->

- <cia-social/pse-protacao-social-especial/populacao-de-rua/populacao-em-situacao-de-rua> Acesso em: 01 jul 2015
- [2] Marconi MA, Lakatos EM. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração de análise e interpretação de dados. São Paulo: Ed. Atlas. 2008.
- [3] Costa APM. População em situação de rua, Ministério de desenvolvimento Social e Combate a fome, Texto e Contexto. 2005; 4. Disponível em: <http://projetomaosqueacolhem.com.br/resources/993-3618-2-PB.pdf> Acesso em 20 ago2014.
- [4] Vieira MdaC, Bezerra EMR, Rosa CMM. (Org.). População de rua: quem é? Como vive? Como é vista? São Paulo: Hucitec. 1994.
- [5] Mendes AA, Machado FM. Uma clínica para atendimento a moradores de rua: direitos humanos e composição do sujeito. *Psicol. Cienc. Prof.* 2004; 24(3). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000300013. Acesso em: 10 jun 2015.
- [6] Mattos RM, Ferreira RF. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. *Psicol. e Soc. Porto Alegre.* 2004; 16(2):46-58. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822004000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 Ago 2015
- [7] Justo SJ, Nascimento EC, Assis U. Errância e Delírio em Andarilhos de Estrada; *IN Psicologia: Reflexão e Crítica.* 2005; 18(2):177-87. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 jun2015.
- [8] Weel M. População de rua: conceitos e interseções históricas. PUC –Rio de Janeiro. 2008.
- [9] Peres RS, Justo JS. Contribuições das técnicas projetivas gráficas para a compreensão da personalidade de andarilhos de estrada. *Estud. Psicol. (Natal), Natal.* 2005; 10(2):305-12. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294x2005002000018&script=sci_arttext. Acesso em:6 mar 2015.
- [10] Nascimento EC, Justo JS, França SAM. Errância e Normalização Social: um estudo sobre andarilhos de estrada. *IN Psicologia em estudo, Maringá.* 2009; 14(4):641-8. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n4/v14n4a04> Acesso em: 03 set 2014.
- [11] Snow D, Anderson L. Desafortunados: um estudo sobre o povo da rua. Petrópolis: Vozes. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832004000100016&script=sci_arttext. Acesso em: 24 fev 2015.
- [12] Ciampa AC, Dunker CIL, Passos MC. (Org.). Políticas de Identidade e Identidades Políticas. *INUma Psicologia que se interroga: ensaios.* São Paulo: Edicon. 2002; 133-44. Disponível em: <https://psico48.files.wordpress.com/2012/04/ciampa-a-id-entidade.pdf>. Acesso em: 27 ago 2015.
- [13] Rosa AS, Secco MG, Bretas ACP. O cuidado em situação de rua: revendo o significado do processo saúde-doença. *IN Rev. Bras. Enferm.* 2006; 59(3):331-36. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000300015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 6 abr2015.

- [14] Mângia EF, Souza DC, Mattos MF, Hidalgo VC. Acolhimento: Uma postura, uma estratégia. *In*Revista Terapia Ocupacional Universitária. São Paulo. 2012; 13(1):15-21. Disponível em: www.revistas.usp.br/rto/article/download/13890/15708. Acesso em: 16 abr 2015.